

Amor em perspectiva: gênero, orientação sexual e as dinâmicas das relações afetivas

Love in perspective: gender, sexual orientation and the dynamics of affective relationships

Maria Helena Pereira de Oliveira Araújo¹, Vitória Medeiros dos Santos¹, Ana Patrícia Luna Sousa¹, Marcos Rodrigo Oliveira², Betânia Maria Oliveira de Amorim²

RESUMO: Os relacionamentos amorosos são atravessados por expectativas sociais, relações de poder e mudanças culturais, bem como são afetados por diferenças de gênero e orientação sexual. Em um contexto patriarcal, heteronormativo e homofóbico, há dissimetrias nas possibilidades de vivenciar o amor, tornando pertinente a compreensão do modo que diferentes grupos representam este objeto social. Assim, objetivou-se analisar as diferenças e semelhanças entre os modos de amar-amor de homens e mulheres inseridos em relações homo e heterossexuais. Participaram da pesquisa 12 pessoas, com idades entre 22 e 44 anos, inseridas em união estável. Os dados foram coletados via entrevistas semiestruturadas e analisados através da metodologia de Análise de Conteúdo de Laurence Bardin, da Teoria das Representações Sociais e dos estudos de gênero desenvolvidos por Valeska Zanello. Obteve-se como resultados a formação de quatro categorias acerca da construção da ideia de amor entre os grupos e os impactos da relação amorosa na vivência pessoal dos sujeitos. Considera-se que relacionamentos homossexuais são mais simétricos, enquanto que heterossexuais vivenciam relações hierarquizadas, com privilégio para o masculino. Além disso, as relações entre pessoas do mesmo sexo possuem possibilidades mais restritas de vivência amorosa frente à repressão social sofrida.

Palavras-chave: Análise de Conteúdo; Amor; Gênero; Representações Sociais.

ABSTRACT: Love relationships are crossed by social expectations, power relations and cultural changes, as well as being affected by gender differences and sexual orientation. In a patriarchal, heteronormative and homophobic context, there are dissimilarities in the possibilities of experiencing love, making relevant the understanding of how different groups represent this social object. Thus, the objective was to analyze the differences and

¹ Universidade Federal de Campina Grande

² Universidade Federal da Paraíba

similarities between the ways of loving-love men and women inserted in homo and heterosexual relationships. The survey was conducted with 12 people, aged between 22 and 44 years, who are in a stable union. The data were collected through semi-structured interviews and analyzed using the methodology of Content Analysis by Laurence Bardin, Social Representation Theory and gender studies developed by Valeska Zanello. The results revealed the formation of four categories regarding the construction of the idea of love among the groups and the impacts of romantic relationships on the personal experiences of the individuals. It is considered that homosexual relationships are more symmetrical, while heterosexual relationships experience hierarchical dynamics, privileging the masculine. Furthermore, relationships between individuals of the same sex face more restricted opportunities for romantic experiences due to the social repression they endure.

Keywords: Content Analysis; Love; Gender; Social Representation.

Introdução

O relacionamento amoroso faz parte das vivências particulares dos sujeitos, sendo o ideal de amor romântico um dos pilares do desejo dentro das relações (Pires, 2009), bem como o intento de construir relações duradouras, baseadas em um “felizes para sempre”, através do casamento (Cuba, 2017), associadas a um símbolo de sucesso. O amor historicamente está presente nas trocas comunicativas, na mídia e nos estudos teóricos como um importante modificador da vida social. De acordo com Schlösser e Camargo (2019), o amor é um sentimento multidimensional e dinâmico, atravessado por expectativas sociais e desejabilidade, relações de poder, mudanças culturais e afetado por diferenças de gênero e orientação sexual.

A noção de gênero sofreu diversas distorções sócio-históricas até a sua apropriação pelas construções e discussões teóricas feministas no século XX (Scott, 1986), passando a se referir à organização social da relação entre os sexos feminino e masculino, marcada por desigualdades implícitas e explícitas socialmente. A

compreensão norteadora desse construto consiste em avaliar as diferenças existentes na relação entre os sexos no que tange aos papéis exercidos e a própria identidade subjetiva, como construções sociais, isto é, não sendo originadas por determinismos biológicos. Scott (1986) compreende o conceito de gênero para além do seu papel descritivo da hierarquização das diferenças, como uma forma primeira de significar as relações de poder, enfatizando, sobretudo, o gênero enquanto uma categoria útil para análise histórica dessas dinâmicas de poder, do ponto de vista político e econômico, na medida em que esta funciona como uma forte referência de legitimação e crítica das relações sociais.

Zanello (2020) afirma que o gênero é um poderoso determinante social e que as culturas investem em certos grupos com poderes e autoridade de maneira desigual. A referida autora defende existir uma “pedagogia dos afetos” ou “colonização afetiva”, tendo em vista que toda experiência humana e, até mesmo, as emoções são culturalmente condicionadas. Em outras palavras, há condicionantes que irão reger as relações e os afetos humanos, especialmente decorrente do predomínio da lógica patriarcal na sociedade vigente, evidenciando a influência dos dispositivos amoroso e materno para as mulheres e o dispositivo da eficácia para os homens. Para a autora, portanto, gênero é “uma categoria analítica relacional” (Zanello, 2020, p. 219).

O dispositivo amoroso refere-se ao lugar dado à moral sexual apoiada na ideia da heterossexualidade como única forma válida e natural de amar, legitimada a partir do matrimônio, bem como da opressão e do controle de corpos femininos. Para Zanello (2020), o amor desempenha um papel fundamental na formação da identidade da mulher, sendo estruturante de sua subjetividade.

O dispositivo materno, por sua vez, refere-se à associação direta entre a capacidade reprodutiva das mulheres e a inclinação natural para a maternidade, ideia desenvolvida a partir da divisão sexual do trabalho, legitimada pelo casamento e

influenciada pela tradição judaico-cristã (Zanello, 2020). A partir de tal correlação, as mulheres foram socialmente atribuídas ao ato do cuidado e sobrecarregadas com inúmeras responsabilidades referentes à criação dos(as) filhos(as). Ambos os dispositivos desvelam problemáticas primordiais sobre o significado social de ser mulher na contemporaneidade, fazendo-se necessário partir de tais conceitos para refletir como as expectativas de gênero influenciam nas relações românticas homo e hetero afetivas.

Por último, o dispositivo da eficácia, fundado na virilidade sexual e laborativa, administra a performance dos homens dentro da sociedade. Especificamente no contexto capitalista, o trabalho adquiriu um lugar privilegiado para definição de sucesso e valor pessoal na constituição da identidade masculina (Zanello, 2020), fazendo com que esteja legitimado socialmente que o “homem de verdade” - masculinidade hegemônica - seja aquele que provê a casa e a família economicamente, bem como que tenha uma vida sexual ativa e que não “falhe” no momento do ato sexual. Sendo assim, o desemprego e a impotência sexual ou perda da libido são fatores de adoecimento para os homens, que, de maneira geral, terceirizam suas frustrações na agressividade contra mulheres.

Salienta-se, ainda, que os homens se beneficiam das tecnologias de gênero empregadas às mulheres, pois recebem os investimentos de cuidado e desejo que vem do feminino, e são erigidos como avaliadores das mulheres, física e moralmente, detendo o poder na escolha das relações amorosas (Zanello, 2020).

Dentro desse cenário de privilégios masculinos na sociedade, há também o império da heteronormatividade, pela qual são legítimas as uniões apenas de casais que se encaixam nos papéis tradicionais de homem e mulher, relegando aos casais homossexuais um lugar de silenciamento e estigmatização, ainda que esteja bem fundamentado na literatura que o sexo não define previamente a sexualidade (Scott, 1986).

Nessa perspectiva, Butler (2018) explora a noção de que os gêneros não são entidades fixas ou essencialistas, mas sim performáticas. Em particular, Butler discute como a repetição dessas performances de gênero estabelece e reforça os ideais de masculinidade e feminilidade, mas também viabiliza aos sujeitos questionarem e criarem espaços para subverter a normatização. Em outros termos, para a autora, o gênero é como uma constante improvisação performática direcionada ao outro, sendo os sujeitos LGBTQIAPN+ aqueles que transgridem as normas ao criar novas identidades sexuais e de gênero que vão além dos padrões convencionais de masculinidade, feminilidade e relações afetivo-sexuais.

Considerando as diferentes implicações na experiência particular dos sujeitos, é de interesse a compreensão dos modos de amar-amor que se perpetuam através do tempo e que se reconfiguram na atualidade, a partir do amor enquanto um objeto social. A Teoria das Representações Sociais, proposta por Moscovici (2017), propõe que os sujeitos constroem representações sobre elementos e/ou fenômenos importantes para o funcionamento social, a fim de possibilitar o estabelecimento de uma realidade comum aos membros de um grupo. Jodelet (2001) sintetiza a definição de Representações Sociais apontando que se referem a um processo dinâmico, no qual os conhecimentos são socialmente elaborados e compartilhados, possibilitando a compreensão e a comunicação dos sujeitos no mundo.

Este processo, de natureza psicossociológica, tem o objetivo de tornar o não familiar em algo familiar (Moscovici, 2017), mediante dois processos formadores denominados de ancoragem e objetivação. Na ancoragem, o sujeito assimila novos acontecimentos com base em esquemas prévios já elaborados, resgatando na memória semelhanças entre diferentes objetos e eventos, enquanto que a objetivação permite a

reprodução desse conceito previamente assimilado na troca social, tornando-o concreto e visível.

Destarte, as representações sobre o amor sofrem influência do contato com os pais na infância e demais relações estabelecidas ao longo da vida, modificando a conduta dos parceiros, com base em concepções de masculinidade e feminilidade dispostas socialmente (Ferrari et al., 2021). Ou seja, o amor e as relações amorosas são frutos das transformações dos elementos e signos sociais, que evoluíram de acordo com as dinâmicas nas esferas familiar, política, cultural e social.

Desse modo, compreendendo que a concepção de amor é afetada pelas diversas transformações socioculturais, modificando o modo como se desenvolvem as relações amorosas, além de que os conflitos que podem surgir nos relacionamentos, muitas vezes, estão ligados às diferentes formas de amar e à construção identitária de cada sujeito, objetivou-se com o presente estudo analisar as diferenças e semelhanças entre os modos de amar-amor de homens e mulheres inseridos em relações homo e heterossexuais.

Método

Trata-se de uma pesquisa descritiva, de abordagem qualitativa, respaldada no aporte teórico da Teoria das Representações Sociais.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com doze participantes, sendo quatro pessoas heterossexuais (dois homens e duas mulheres), quatro homens gays e quatro mulheres lésbicas. As idades variaram entre 22 e 44 anos de idade, sendo dez deles provenientes da região Nordeste e apenas dois residentes na região Sudeste. No que se refere ao grau de escolaridade, cinco têm o ensino superior completo e os demais possuem ensino superior incompleto. Quando questionados sobre a religião, dois héteros e um gay se declararam católicos, uma lésbica se identifica como espírita e os demais afirmaram não possuir religião.

As entrevistas ocorreram através da plataforma *on-line Google Meet*, levantando questões sobre a definição de amor para os(as) participantes e experiências amorosas passadas e atuais. O tempo das entrevistas variou entre 20 a 55 minutos, devido à disponibilidade e à fluidez dos(as) entrevistados(as). Os critérios de inclusão foram: idade igual ou superior a 18 anos e estar em união estável dentro dos critérios definidos pela atual Lei de União Estável vigente no Brasil (Brasil, 1996), que considera união estável todas as relações configuradas no estabelecimento da família, convivência pública, estável e duradoura. Em 5 maio de 2011, essa Lei foi modificada para incluir também as relações homoafetivas que atendem aos mesmos requisitos.

Os dados coletados foram sistematizados e analisados através da metodologia de Análise de Conteúdo de Bardin (2011) e os estudos de gênero desenvolvidos por Zanello (2020). Inicialmente, na fase de pré-análise, houve a separação das entrevistas em três grupos: heterossexuais, homens gays e mulheres lésbicas. Os dados brutos foram organizados sistematicamente com o auxílio da técnica de leitura “flutuante”, o material foi explorado de maneira exaustiva até ser alcançada uma amostra representativa da concepção e modo de amar-amor para cada grupo analisado, bem como foram identificados núcleos de sentido por meio da análise temática, possibilitando a comparação de inferências e hipóteses entre os grupos. Por fim, os componentes das mensagens analisadas foram classificados por diferenciação e, em seguida, agrupados em categorias, cada uma com seus respectivos subtemas, concebidas a partir das perguntas realizadas nas entrevistas e utilizando-se do critério semântico. Todos os nomes dos(as) participantes foram substituídos por apelidos baseados em personagens de filmes românticos que apresentavam similaridades com a história de vida de cada um, conforme descritos no Tabela 1.

Tabela 1

Nome Fictícios dos(as) Participantes do Estudo

| Nome | Sexualidade | Filme | Ano do Filme |
|--------------|--------------------|------------------------------|---------------------|
| Jack | Hétero | Titanic | 1997 |
| Landom | Hétero | Um amor para recordar | 2002 |
| Lisbela | Hétero | Lisbela e o Prisioneiro | 2003 |
| Maria Bonita | Hétero | Lampião e Maria Bonita | 1982 |
| Aaron | Gay | Louvado Seja | 2003 |
| James | Gay | Uma segunda chance | 2016 |
| Johnny | Gay | Reino de Deus | 2017 |
| Leonardo | Gay | Hoje eu quero voltar sozinho | 2013 |
| Elisa | Lésbica | Elisa y Marcela | 2019 |
| Elizabeth | Lésbica | Flores raras | 2013 |
| Evelyn | Lésbica | Tomates verdes fritos | 1991 |
| Marina | Lésbica | Eu e ela | 2015 |

Nota. (Brasil, 2023).

Fonte. Elaborado pelos autores.

Salienta-se que o estudo foi realizado respeitando todas as recomendações éticas para pesquisas com seres humanos acordadas nas resoluções 466/12 (Brasil, 2012) e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde Brasileiro (Brasil, 2016), tendo sido aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do [informação suprimida para resguardo da confidencialidade – a informação pode ser encontrada na folha de apresentação].

Resultados e Discussão

A sistematização das transcrições das entrevistas por meio do processo de Análise de Conteúdo, proposta por Bardin (2011), resultou na composição de quatro categorias temáticas, a saber: “O que é Amor para Você?” (Tabela 2), que reúne verbalizações associadas à construção da ideia de amor entre os(as) participantes; “Homens, Mulheres e Relações” (Tabela 3), composta por expressões das diferenças percebidas nos modos de amar-amor, a partir da identidade de gênero e orientação sexual dos(as) participantes; “O Lugar do(a) Parceiro(a) na Relação Amorosa” (Tabela 4), referente à percepção do lugar do(a) parceiro(a) e da relação amorosa na vida pessoal do sujeito; e, por fim,

“Consequências do Amar-amor na Trajetória Individual” (Tabela 5), que salienta as consequências da relação amorosa na experiência pessoal dos sujeitos.

A partir disso, compreende-se a presença de divergências entre as dinâmicas e vivências dos relacionamentos amorosos com base na orientação sexual, para além da consensualidade da Representação Social do amor entre casais, sendo imprescindível considerar o cenário heteronormativo e aversivo à homossexualidade como fator modificador dessas representações (Meireles & Ferrarini, 2023).

Tabela 2

Categoria “O que é Amor para Você?”

| Definição: a categoria reúne verbalizações associadas à construção da ideia de amor entre os(as) participantes, sendo mais proeminentes verbalizações relacionadas à como se conceitua o amor, idealizações subjacentes a esta definição e ao modo como se configuram os relacionamentos amorosos e influências externas nesta concepção. | |
|---|---|
| Subtemas | Exemplos de Verbalizações |
| Definição de amor | “É uma parceria, é um encontro, e quando há esse encontro se tenta construir algo que os dois possam caber dentro, mas há uma liberdade também para estar fora” (Leonardo, homem gay). “É respeito acima de tudo, quando a gente ama, a gente respeita a pessoa, carinho, é lealdade, é você se dedicar a ser feliz e ver que aquela pessoa está sendo feliz também” (Eliza, mulher lésbica). “Se trata de proteção, é estar disponível, é querer o bem daquela pessoa, independente daquela pessoa ter sido boa ou não para você. [...] Amor é troca” (Lisbela, mulher hétero). |
| Idealização de amor | “No começo, você acredita que tudo é perfeito e tal, ao longo do tempo você percebe que não é assim, que a pessoa tem defeitos. Então há um rompimento, uma quebra da idealização. Eu achava que a pessoa iria fazer tudo o que eu queria, que eu não precisaria abrir mão de certas coisas, era uma coisa bem como conto de fadas na minha cabeça” (Aaron, homem gay). “Amor é respeitar e ser companheiro e ser leal a ponto de compartilhar a vida com ela sendo uma pessoa só” (Marina, mulher lésbica). “No início assim se acha que o amor é aquela coisa que derruba tudo [...], com o passar do tempo a gente vai vendo que aquilo é simplesmente o início de tudo, mas que a gente só identifica realmente o que é amor com o passar do tempo, os defeitos, as qualidades da pessoa e mesmo assim a gente continua querendo bem, continua querendo amar” (Landom, homem hétero). |
| Influências externas | “Eu acho que toda experiência que a gente vive nos ensina alguma coisa, a gente sempre constrói alguma coisa em cima disso” (James, homem gay). |

“A família acaba influenciando um pouco porque é como se tudo o que eu não vivesse na família eu quisesse viver no relacionamento [...] como eu nunca tive muita relação de afeto, de cuidado, é como se eu procurasse lá” (Evelyn, mulher lésbica).

“Faz parte da natureza humana incorporar algumas dessas coisas, tanto religiosa, quanto familiar. [...] Eu acho que a religião tem um papel muito importante, mas a parte familiar é mais forte” (Landom, homem hétero).

Nota. Brasil (2023).

Fonte. Elaborado pelos autores.

Na primeira categoria (Tabela 2), percebe-se que o conceito de amor é amplo e de difícil síntese entre os três grupos, tendo verbalizações que expressam mais sobre a composição, os atributos e as características do amor, do que o definem. Schlösser e Camargo (2019) acentuam que essa é uma característica particular desse afeto, uma vez que o amor possui diferentes dimensões e é dinâmico, sofrendo alterações ao longo das experiências internas e externas ao relacionamento.

Ainda que aparentemente haja uma coesão entre as representações dos três grupos estudados, percebe-se uma sutileza nas relações heterossexuais que divergem dos gays e das lésbicas. Nota-se na dinâmica heterossexual uma representação do amor como doação unilateral, expressa em uma disponibilidade afetiva para o outro, para querer bem, aceitar e lidar com a convivência na relação, sem que fique claro a espera de uma devolutiva e de uma construção de um encontro que caibam dois sujeitos. Em sentido oposto, as dinâmicas homossexuais explicitam na fala a necessidade de companheirismo, troca, respeito e a possibilidade de ser feliz junto e separado, com liberdade para ser quem se é, independente da relação amorosa. Sem esses atributos, há uma impossibilidade de definir o amor.

No tocante a idealização do amor, os três grupos são consensuais ao indicar que o ideal romântico de “felizes para sempre” não se sustenta na realidade. Pires (2009) aponta que essa construção idealizada das relações amorosas é amplamente difundida em

recursos midiáticos, corroborando para uma representação do amor atrelada à perfeição. No entanto, a dinâmica do amar-amor dentro das relações embate com discussões, divergências e afetos ambivalentes, que podem levar ao término da relação ou promover novas formas de permanência, resultando em mudanças na própria configuração da relação.

Ademais, destaca-se que nos relacionamentos entre mulheres lésbicas, embora haja a compreensão de que um relacionamento perfeito é inatingível, existe, paralelamente, um ideal de fusão entre os dois sujeitos para algo mais amplo, um desejo de se tornar um só. Zanello (2020), em sua pesquisa acerca da construção da subjetividade feminina e seus efeitos dentro dos relacionamentos amorosos, observa que essa concepção é comum entre casais de mulheres lésbicas, uma vez que uma mulher “lucra” com o dispositivo amoroso da outra, isto é, cada parceira se beneficia ou explora as características e recursos emocionais que a outra traz para a relação, intensificando a fantasia de torna-se “uma” a partir de uma intensa relação de cuidado mútuo.

Por fim, a categoria traz as diferentes influências que os(as) participantes evocam quando buscam definir o amor, tais como relacionamentos anteriores, família e, especificamente para pessoas heterossexuais, a religião. Doise (2002) teoriza que as Representações Sociais podem ser entendidas em diferentes níveis de análise, introduzindo o conceito de “ideias de força” para descrever como determinados fatores possuem mais poder e influência na construção das representações e, conseqüentemente, na consolidação de crenças e no comportamento. Essa compreensão é particularmente relevante ao considerar que as Representações Sociais são elaboradas socialmente através das trocas comunicativas (Moscovici, 2017).

As ideias de força podem agir positiva ou negativamente a depender da experiência pessoal do sujeito e, nesse caso, foi identificado que para mulheres lésbicas

e homens gays o relacionamento pode vir a funcionar como uma compensação das trocas de afeto que não tiveram na dinâmica familiar ou uma continuidade deles, como expresso por Elizabeth (mulher lésbica): “a minha família acolheu muito ela, acolheu muito nossa relação, então isso fez com que a gente pudesse crescer mais ainda em um relacionamento”.

No caso das pessoas heterossexuais, cabe salientar que o fator religioso destacado é de vertente cristã, que pode se configurar enquanto uma estratégia de fortalecimento, amadurecimento, construção de princípios e valores sadios, mas também pode reforçar um dispositivo de manutenção de discursos patriarcais, que denota a representação de um lugar de subalternidade e subjugação das mulheres a essas relações de poder balizadas nas relações sociais de sexo (Lemos, 2013), como colocado por Lisbela (mulher hétero): “falando do meu relacionamento, assim muitos dos traços são traços bastante machistas que ele traz da convivência com o pai dele”.

Importante salientar que esse mesmo fator não aparece como ideia de força nas representações formadas por pessoas homossexuais. Serra (2023) demonstra que há uma aparente incompatibilidade entre dissidências de gênero e sexualidade e religião, especialmente as vinculadas ao cristianismo, tendo em vista que as doutrinas tradicionais seguem literalmente os textos sagrados, que apresentam uma perspectiva binária e heteronormativa, com marcas bem delimitadas da divisão dos papéis de sexo, suprimindo outros modos de ser e estar no mundo. Dessa maneira, pode-se inferir que, para os(as) participantes homossexuais, a religião não consegue suportar uma definição de amor que acolha suas vivências.

Tabela 3

Categoria “Homens, Mulheres e Relações”

Definição: a categoria expressa as diferenças percebidas nos modos de amar-amor, a partir da identidade de gênero e orientação sexual dos(as) participantes, tendo sido dividida nos subtemas: papéis de gênero e visibilidade social.

| Subtemas | Exemplos de Verbalizações |
|------------------------------------|---|
| Papéis de gênero | <p>“Eu acredito que existem diferenças sociais por machismo: o homem sai de casa para trabalhar, para suprir as necessidades da casa e a mulher vai ficar ali cuidando da casa, dos filhos [...] no meu relacionamento sempre dividimos toda a responsabilidade, todas as tarefas domésticas são muito divididas” (Marina, mulher lésbica).</p> <p>“Eu queria abarcar o mundo sozinha, porque eu acabei assumindo aquele papel de uma mulher cuidadora do lar, apesar de ter as minhas outras obrigações, e ele simplesmente cedeu a isso, então gerou muitos conflitos [...] É como se o homem tivesse sido feito para somente ser provedor [...] a mulher fica em casa, seria a dona de casa, enfim cuidadora do lar” (Maria Bonita, mulher hétero).</p> <p>“[...] Existem papéis que são determinados na nossa sociedade, aquilo que é do homem, aquilo que é da mulher, que até hoje é responsável por manter a casa ou cuidar da família e o homem que está mais para esse papel de provedor” (Johnny, homem gay).</p> |
| Relação indivíduo-sociedade | <p>“Eu acho que gay só começa a ter vida amorosa depois que sai da casa dos pais, que vai para a faculdade, e acaba que as pessoas não têm aqueles relacionamentos normais na adolescência que hétero tem, aquela coisa de ficar no colégio. É como se a adolescência passasse em outro período da vida” (Aaron, homem gay).</p> <p>“A gente é um pouco mais restrita né do que se fosse um relacionamento heterossexual que tem mais a liberdade de postar coisas no Instagram, que tá de mãos dadas nos cantos públicos” (Elizabeth, mulher lésbica).</p> <p>“Eu acredito que não na forma de amar, mas eu acho que talvez nas atitudes, na forma de demonstrar o amor, acredito que há algumas diferenças sim [...]. Eu acho que depende de cada pessoa, na verdade depende das duas pessoas que estão envolvidas” (Jack, homem hétero).</p> |

Nota. Brasil (2023).

Fonte. Elaborado pelos autores.

Nesta categoria foi possível identificar que, de uma forma geral, os(as) participantes reconhecem que há diferenças nas relações amorosas entre pessoas homo e hétero, seja essa diferença demarcada pelo fator identidade de gênero, como mostra o subtema “papéis de gênero”, ou demarcada pelo fator orientação sexual, como mostra o subtema “relação indivíduo-sociedade”. No entanto, as causas atribuídas a essas

diferenças variam de acordo com o lugar de fala de cada participante, tendo em vista que a posição que uma mulher e um homem hétero ocupam numa cultura patriarcal é diferente da posição das pessoas com práticas subversivas à heteronormatividade, de tal forma que o entendimento das condutas reproduzidas nas relações amorosas se baseia nas concepções de masculinidade ou feminilidade predominantes nesta cultura (Ferrari et al., 2021; Fernandes, 2022).

As falas relacionadas ao subtema "papéis de gênero" deixam evidente que todos reconhecem a divisão sexual das tarefas nas relações entre homens e mulheres, reforçada pela parceria amorosa. Estudos de gênero, como os de Zanello (2020), apontam que, por esse motivo, o casamento tende a ser um fator de proteção à saúde mental dos homens, enquanto pode representar um risco de adoecimento psíquico para as mulheres, acentuando a perpetuação das desigualdades entre os sexos.

Nessas relações, a mulher assume as tarefas domésticas e os cuidados com a família, estando emocionalmente disponível, inclusive, para dar suporte ao marido, que, por sua vez, estaria restrito à provisão familiar e atividades fora da casa, como o trabalho e a política (Zanello, 2020). Embora haja um aumento da participação da mulher no mercado formal e informal de trabalho nos últimos anos, a realidade não vem sendo alterada, submetendo-as a uma dupla jornada de trabalho, com consequentes limitações para o avanço profissional e qualidade de vida. Além disso, essa divisão impacta na percepção social do valor do trabalho doméstico, frequentemente desvalorizado e não remunerado (Federici, 2019).

Nesse quesito, percebe-se ainda que, enquanto os(as) participantes homossexuais falam desta assimetria de um ponto de vista de quem está de fora, a participante Maria Bonita (mulher hétero) fala dessa assimetria do ponto de vista de quem a vivencia. Esses achados corroboram os estudos de Zanello (2020), que sugerem que, embora as relações

entre pessoas do mesmo sexo sejam mais simétricas, elas ainda podem reproduzir os dispositivos de gênero.

No subtema “Relação indivíduo-sociedade”, os(as) participantes homossexuais reconhecem que tiveram vivências das suas relações amorosas de forma mais restrita por causa da repressão social que sofreram em razão de suas orientações sexuais, o tipo de discriminação que casais héteros não vivenciam (Andrade & Feitosa, 2021). Esse grupo repetidamente enfrenta estigmas e discriminações que se traduzem em dificuldades de expressar afeto publicamente, formar relacionamentos duradouros e, até mesmo, em violência física e emocional. O Observatório de Mortes e Violências LGBTI+ no Brasil (2024) montou um dossiê que denuncia 230 mortes de pessoas LGBT no Brasil apenas em 2023, sendo 184 assassinatos, 18 suicídios e 28 mortes por outras causas. Embora os números reflitam a gravidade dos acontecimentos, é importante destacar que os dados provavelmente ainda são subnotificados. Essas informações evidenciam a intensa pressão para a conformidade às normas heteronormativas, resultando em profundo sofrimento emocional.

Por outro lado, o participante Jack (homem hétero) atribuiu as diferenças na forma de vivenciar a relação amorosa de pessoas homo e hétero a uma questão de características individuais. Esse fator demonstra uma ausência de percepção da existência de preconceito com pessoas homossexuais baseada em uma forma privilegiada de experienciar a relação amorosa.

Tabela 4

Categoria “O lugar do(a) parceiro(a) e da relação amorosa”

Definição: a categoria apresenta como o sujeito percebe o lugar do(a) parceiro(a) e da relação amorosa na sua vida pessoal, versando acerca da “centralidade” no qual é explorado o grau de importância atribuído à parceria em relação a outras esferas da vida. Esta categoria não apresentou subtemas.

Exemplos de Verbalizações

“Percebi que depois de tantos anos, eu não me vejo vivendo sem ele. A relação tem um grande espaço na minha vida” (Aaron, homem gay).

“Ela é minha prioridade extrema, eu não faço nada da minha vida sem conversar com ela, sem perguntar a ela. Hoje, para mim, ela é a família que eu construí” (Marina, mulher lésbica).

“Ela é minha parceira, [...] acima de tudo a minha prioridade hoje é a minha parceira e a prioridade dela sou eu” (Jack, homem hétero).

Nota. Brasil (2023).

Fonte. Elaborado pelos autores.

Nessa categoria foi possível compreender que apesar das diferenças nos modos de amar-amor entre os três grupos, o lugar do(a) parceiro(a) e da relação amorosa é central, ou seja, é colocada como prioridade em detrimento de outras esferas da vida. Há uma sutil diferença nas verbalizações de pessoas heterossexuais, que indica uma menor dependência em relação à(o) parceira(o), enquanto que para pessoas homossexuais, acentuadamente nas mulheres lésbicas, há uma impossibilidade de visualização do fim desse relacionamento, ocupando o “primeiro lugar” e requerendo um investimento dos sujeitos para tornar possível uma continuidade do relacionamento amoroso.

Essa diferença justifica-se, mais uma vez, pelas repetidas vivências de negação da alteridade experienciadas por pessoas homossexuais, que compensam a ausência de liberdade e visibilidade na priorização do relacionamento com seu(sua) companheiro(a), sendo impensável a ruptura desse vínculo.

Tabela 5

Categoria “Consequências do amar-amor na trajetória individual”

Definição: a categoria salienta as consequências da relação amorosa na experiência pessoal dos sujeitos, sendo estas valoradas como positivas ou negativas e traduzidas em renúncias, perdas, dificuldades e ganhos.

| Subtemas | Exemplos de Verbalizações |
|---------------------|--|
| Renúncias | <p>“A maior renúncia foi meu irmão, eu tenho um irmão mais novo que ele, tem 6 anos [...]. Eu era a mãe dele, minha mãe nunca cuidou dele [...]. A coisa que eu tive que abrir mão mesmo foi meu irmão” (Eliza, Mulher lésbica).</p> <p>“Você acaba abrindo mão de certas coisas, de conviver com outras pessoas” (Maria Bonita, Mulher hétero).</p> |
| Perdas | <p>“Eu tive que sair da casa dos meus pais, perder mais o apoio financeiro porque um trabalho de atendente é muito desgastante, mas eu sei que eu preciso dele para pagar as contas, então eu acho que é uma pressão muito grande, então eu meio que perdi também a tranquilidade de ter alguém pra me ajudar financeiramente mesmo” (Evelyn, Mulher lésbica).</p> <p>“Alguma coisa me prendia naquela relação, não sentia liberdade, não me sentia à vontade” (Leonardo, Homem gay).</p> |
| Dificuldades | <p>“Com a minha mãe foi aquela comoção: ‘onde foi que eu errei para ter um filho viado’ [...] e eu tentei tranquilizá-la: ‘olha não tem nada de errado, não se trata de um erro, não é um erro’”(Johnny, Homem gay).</p> <p>“As dificuldades foram mais relacionadas à família [...] a gente não tinha como se encontrar” (Evelyn, Mulher lésbica).</p> <p>“Foram dificuldades normais do dia a dia, dificuldades financeiras que já pesaram muito para a gente antes, não chegou a estremecer, mas a gente questiona” (Maria Bonita, Mulher hétero).</p> |
| Ganhos | <p>“Ele mostra a implicação dele na relação, o cuidado. Eu acho que é uma palavra que define nossa relação, é exatamente a palavra cuidado” (James, Homem gay).</p> <p>“Mudou radicalmente a minha vida, eu conquistei a independência, sobretudo da minha família que era um ambiente tão difícil [...] eu ganhei muita confiança em relação a mim, eu era mais triste e hoje eu não fico muito triste, eu acho que eu sou outra pessoa” (Evelyn, Mulher lésbica).</p> <p>“Eu vejo que o meu maior ganho individual é o suporte afetivo, [...] o afeto de você ter alguém ali em casa, de você poder dividir coisas e de você ter com quem contar” (Maria Bonita, Mulher hétero).</p> |

Nota. (Brasil, 2023).

Fonte. Elaborado pelos autores.

Na categoria que versa sobre as consequências de iniciar e permanecer em relações amorosas, foi possível observar uma clara diferença nas vivências de pessoas homo e hétero no que diz respeito aos aspectos negativos de estar em uma relação

amorosa, compreendidos pelos subtemas “renúncias”, “perdas”, e “dificuldades”, visto que as verbalizações apontaram que as pessoas homossexuais precisam abrir mão do convívio familiar, perdem a segurança, estabilidade e afetividade do lar, sendo a própria família entendida como a principal dificuldade para vivenciar a relação amorosa.

Pereira (2019) traz o conceito de estresse minoritário para tratar acerca da experiência de grupos minoritários de gays, lésbicas e bissexuais e seus impactos na saúde física e mental, demonstrando que vivências de discriminação, estigma, expectativas de rejeição e preconceito a que estes grupos estão expostos provocam maiores níveis de estresse ao longo da vida, mais especificamente devido à percepção de estigma, à homofobia internalizada e ao processo de revelação da orientação sexual. Esse último é referido na literatura como “*coming out*” ou “saída do armário”, definido como um processo de reconhecimento e integração contínuos da orientação sexual na vida pessoal e social do sujeito, que constitui um grande desafio devido à mudança nas relações, particularmente os familiares, gerando frequentemente conflitos e tensões.

A aceitação da orientação sexual dos(as) filhos(as) pelos pais depende da disposição para vivenciar a quebra de expectativas com os papéis tradicionais de gênero, podendo resultar negativamente em negação, rejeição e isolamento do sujeito, ou ainda em um tipo de violência sutil cometida sistematicamente, como “comentários negativos e depreciativos bem como comportamentos hostis, intencionais ou não intencionais dirigidos a pessoas ou grupos estigmatizados”, denominados de micro agressões (Pereira, 2019, p. 9).

Empiricamente, Pereira (2019) apresentou dados referentes a existência de um maior nível de estresse agudo em um grupo homossexual ao vivenciar uma microagressão comparativamente com um grupo heterossexual, além de que pessoas que tem uma menor abertura em relação à sua orientação sexual também vivenciam maior nível de estresse

agudo. Esses resultados ratificam o peso negativo que as pessoas homossexuais sentem ao assumir o desejo de estar e permanecer dentro de uma relação devido às perdas familiares, necessitando se reinventar enquanto sujeitos para garantir a integridade de sua identidade.

Por outro lado, as perdas, as renúncias e as dificuldades enfrentadas pelas pessoas heterossexuais não possuem qualquer relação com a sua orientação sexual. Numa sociedade heteronormativa, as pessoas homossexuais sofrem opressões estruturais da sociedade, de maneira que suas relações amorosas apresentam grandes dificuldades com contornos trágicos (Andrade & Feitosa, 2021).

Em relação ao subtema “ganhos”, todos os grupos apontam que o fato de estar em uma relação amorosa é muito positivo. Germano e Vaz (2018) apontam que o casamento funciona como maior motivador do processo de individuação, desenvolvimento emocional e autoconhecimento, desde que o par tome consciência de si e da relação. Nesse sentido, é possível dizer que as relações amorosas podem contribuir positivamente para aumentar o bem-estar psicológico do sujeito.

Os gays e as lésbicas apontaram para o cuidado e a independência como os ganhos principais, tendo em vista que vieram de contextos familiares marcados pela homofobia, sendo a parceria amorosa uma possibilidade de resgatar o espaço de afetividade que não tiveram na família de origem, mas que podem ter na família construída a partir da parceria amorosa (Silva & Menandro, 2021).

Por outro lado, a participante Maria Bonita (mulher heterossexual) apontou como principal ganho o fato de não estar sozinha e contar com um suporte afetivo. Na perspectiva da teoria do dispositivo amoroso de Zanello (2020), o amor é vivido e entendido pelas mulheres como parte fundamental de sua identidade, sendo central para o "ser mulher". Assim, estar sozinha pode ser percebido como um sinal de não ser boa o

suficiente para ter sido escolhida, com a parceria amorosa com um homem atuando como um fator de proteção social.

Em suma, é possível afirmar que as relações amorosas podem ser experienciadas de maneira positiva, independente dos marcadores de gênero e orientação sexual, ainda que esses coloquem particularidades nessa vivência.

Considerações Finais

O presente estudo proporcionou uma compreensão aprofundada sobre como os marcadores de gênero e orientação sexual modificam as experiências amorosas individuais. As diferenças e semelhanças entre os modos de amar de homens e mulheres, inseridos em relações homo e heterossexuais, revelaram-se complexas e multifacetadas, demonstrando que o amor é uma construção social dinâmica influenciada por diversas forças culturais e individuais.

As análises realizadas indicam que, apesar de uma aparente coesão nas representações sociais do amor, as relações heterossexuais e homossexuais apresentam dinâmicas distintas. As relações heterossexuais frequentemente refletem uma doação unilateral e uma expectativa implícita de aceitação e convivência, enquanto as relações homossexuais destacam a necessidade de companheirismo, troca, respeito e liberdade individual. Essa diferença é marcante e sugere que as dinâmicas de poder e as expectativas culturais desempenham um papel crucial na forma como o amor é vivenciado e representado.

Todos os grupos desconstruíram a idealização do amor romântico, reconhecendo os desafios e mudanças inerentes às relações. Notavelmente, casais lésbicos mostraram uma forte tendência à fusão e cuidado mútuo, contrastando com a assimetria nas relações heterossexuais. Influências socioculturais, sobretudo aquelas que dizem respeito à família

e religião, moldam essas representações, podendo tanto fortalecer quanto perpetuar desigualdades.

As diferenças nos papéis de gênero e nas relações indivíduo-sociedade reforçam a complexidade das experiências amorosas. Relações homossexuais, embora mais simétricas, ainda são afetadas por dispositivos de gênero, enquanto relações heterossexuais são marcadas por uma divisão sexual das tarefas que pode impactar negativamente a saúde mental das mulheres.

Em suma, este estudo amplia a compreensão sobre como as representações sociais do amor são moldadas pelas trocas comunicativas e pelas experiências individuais, influenciadas por um cenário heteronormativo que endossa ou suprime determinadas vivências dos modos de amar-amor dos sujeitos. Reconhecer essas dinâmicas é crucial para promover uma visão mais inclusiva e equitativa do amor, ao mesmo tempo em que proporciona o reconhecimento de padrões não naturais de relações que podem ser potencialmente estressores tanto para homens quanto para mulheres, homo ou heterossexuais.

Por fim, destaca-se a importância de replicar este estudo com uma amostra maior e mais distribuída geograficamente pelo Brasil, considerando que uma limitação significativa foi a pouca quantidade de participantes, sendo a maioria de uma única região. Uma amostra mais ampla permitiria a realização de análises qualitativas e quantitativas mais robustas e precisas, com o auxílio de ferramentas analíticas, como *softwares* especializados. Dessa forma, os achados poderiam ser mais expressivamente significativos e abrangentes.

Referências

- Andrade, R. M. B., & Feitosa, R. A. S. (2021). Narrativas Homoeróticas: sexo, amor e família páginas dos romances sentimentais. *Intexto*, (52).
<https://doi.org/10.19132/1807-8583202152.97153>
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. Edições 70.
- Brasil. (1996). *Lei n° 9.278, de 10 de maio de 1996*. Regula o 3° do art. 226 da Constituição Federal. Brasília, Diário Oficial da União.
- Brasil. (2012). *Resolução n° 466, de 12 de dezembro de 2012*. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília, Ministério da Saúde.
- Brasil. (2016). *Resolução n° 510, de 7 de abril de 2016*. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências. Brasília, Ministério da Saúde.
- Butler, J. P. (2018). *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade* (1. ed.) Civilização Brasileira.
- Cuba, R. S. (2017). *Os Projetos de Futuro de Jovens Estudantes e o Casamento*. [Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização, Universidade Federal de Santa Catarina]. Repositório Institucional UFSC.
<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/173759>
- Doise, W. (2002). *Direitos do Homem e Força das Ideias* (12ª ed.). Livros Horizontes.
- Federici, S. (2019). *O Ponto Zero da Revolução: Trabalho Doméstico, Reprodução e Luta Feminista*. Tradução de Coletivo Sycorax. Editora Elefante.
- Fernandes, P. S. (2022). *Família Monoparental Feminina: desafios de ser mãe solo*. [Dissertação de mestrado, Universidade Estadual Paulista]. Repositório UNESP.
<http://hdl.handle.net/11449/234377>

- Ferrari, W., Nascimento, M. A. F., Nogueira, C., & Rodrigues, L. (2021). Violências nas Trajetórias Afetivo-sexuais de Jovens Gays: “novas” configurações e “velhos” desafios. *Ciência e Saúde Coletiva*, 26(7). <https://doi.org/10.1590/1413-81232021267.07252021>
- Germano, J. M., & Vaz, R. A. (2018). O Casamento Heterossexual como Motivador da Individuação. *Revista Esfera Acadêmica Humanas*, 3(2), 18-34. <https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2019/06/revista-esfera-humanas-v03-n02-artigo02.pdf>
- Jodelet, D. (2001). Representações Sociais: um domínio em expansão. In D. Jodelet (Org.), *As Representações Sociais* (pp. 17-44). EdUERJ.
- Lemos, C. T. (2013). Religião e Patriarcado: elementos estruturantes das concepções e das relações de gênero. *Caminhos: Revista de Ciências da Religião*, 11(2), 201-217. <https://doi.org/10.18224/cam.v11i2.2795>
- Meireles, V. H. B., & Ferrarini, N. L. (2023). "Saídas do Armário Diferentes em Tempos Diferentes": a heteronormatividade e suas implicações subjetivas em universitários cis-gays. *Brazilian Journal of Development*, 9(1), 3636-3657. <https://doi.org/10.34117/bjdv9n1-251>
- Moscovici, S. (2017). *A Psicanálise, Sua Imagem e Seu Público*. Vozes.
- Observatório de Mortes e Violências LGBTI+ no Brasil. (2024). *Dossiê denuncia 230 mortes e violências de pessoas LGBT em 2023*. <https://observatoriomorteseviolenciaslgbtibrasil.org/dossie/mortes-lgbt-2023/>
- Pereira, R. S. (2019). *Sair ou Não Sair do Armário?: Micro-agressões e o impacto da revelação da orientação sexual no stress e nos seus mecanismos psicofisiológicos*. [Dissertação de mestrado, Instituto Universitário de Lisboa]. Repositório ISCTE. <https://www.iscte-iul.pt/tese/10264>

Pires, S. M. F. (2009). Amor Romântico na Literatura Infantil: uma questão de gênero.

Educar em Revista, (35), 81-94. [https://doi.org/10.1590/S0104-](https://doi.org/10.1590/S0104-40602009000300007)

[40602009000300007](https://doi.org/10.1590/S0104-40602009000300007)

Schlösser, A., & Camargo, B. V. (2019). Elementos Caracterizadores de Representações

Sociais Sobre Relacionamentos Amorosos. *Pensando Famílias*, 23(2), 105-118.

[https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1679-](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1679-494X2019000200009&script=sci_arttext)

[494X2019000200009&script=sci_arttext](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1679-494X2019000200009&script=sci_arttext)

Scott, J. W. (1986). Gender: A Useful Category of Historical Analysis. *American*

Historical Review, 91(5), 1053-1075. <https://doi.org/10.2307/1864376>

Serra, C. (2023). “Para que tenhamos vida”: saberes e fazeres de coletivos cristãos de

feministas e de dissidentes de gênero e sexualidade no Brasil contemporâneo.

[Tese de doutorado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro]. Biblioteca

Digital de Teses e Dissertações da UERJ.

<http://www.bdttd.uerj.br/handle/1/20663>

Silva, G. B., & Menandro, M. C. S. (2021). Sobre o Amor entre Mulheres:

apontamentos sobre conjugalidade e sexualidade. *Revista Interinstitucional de*

Psicologia, 14(2), 1-23. <https://doi.org/10.36298/gerais202114e16784>

Zanello, V. (2020). *Saúde Mental, Gênero e Dispositivos: cultura e processos de*

subjetivação. Appris.